

Publicidade



SÃO JOSÉ - PDL
 7 4 2 228.68 160
 MORADIA / REF. 093260094 €1.485.000

GARANTIA ERA



SANTA CLARA - PDL
 3 4 1 228.68 160
 MORADIA / REF. 093260093 €575.000

GARANTIA ERA



SÃO PEDRO - ANGRA DO HEROÍSMO
 6 10 1 535.91 7552,5
 CASA SENHORIAL / REF. 093260082 €2.500.000

BAIXA DE PREÇO



PICO DA PEDRA - RBG
 3 2 1 264 1385
 MORADIA / REF. 093250380 €749.000

ERA PONTA DELGADA
 pontadelgada@era.pt | era.pt/pontadelgada
 296 650 240

ERA PORTAS DA CIDADE
 portasdacidade@era.pt | era.pt/portasdacidade
 296 247 100

ERA RIBEIRA GRANDE
 ribeiragrande@era.pt | era.pt/ribeiragrande
 296 096 096

Açorbase, S.M. Lda, A.M. 5179. Cada Agência é jurídica e financeiramente independente.

Publicidade



Onésimo Almeida

António da Silva Cordeiro: In Memoriam

“Durante alguns anos, acedeu à minha insistência para escrever crónicas políticas sobre os EUA para serem publicadas no Diário dos Açores. Seguiu atentissimamente a política americana e revelou-se comentador informado e perspicaz.”

Hoje, 30 de abril, foi-se-me mais um amigo. António da Silva Cordeiro. Nada que não se esperasse, pois já nem conseguia atender ao telefone. De qualquer forma, é sempre a partida de um amigo.

Nasceu na Covoada a 24 de novembro de 1935. Viveu, por isso, 90 gostosos anos, um número que poucos conseguem atingir.

Conheci-o era eu ainda bem jovem. Foi nas férias do meu 5.º ano do antigo Ciclo

Preparatório. Ele estudava Clássicas na Universidade de Coimbra, depois de uns anos de estudos em Roma, ido do Seminário de Angra. Estávamos de férias e cruzámo-nos na festa da Fajã de Baixo. Coimbra era para mim um fascínio e, ao deparar com alguém que lá estudava, entrei em transe. Já contei isso e não escondo. Naquele ano, tinha lido umas quantas vezes o *In Illo Tempore*, de Trindade Coelho, que plantara em mim o sonho de ir para aquele paraíso de farra que o escritor de maneira tão contagiante captara. Nesse livro descobri outro, o *Palito Métrico*, o clássico da boa vida coimbrã que me apressei a encomendar (e ainda guardo) e que virou bíblia nesses meus anos de parvinho entusiasmado. *Palermices juvenis*, mas *homo sum et nihil humanum a me alienum puto*, frase de Terêncio que por sinal encontrei pela primeira vez num livro coimbrão, daqueles de fim de curso onde predominavam as caricaturas de Tossan e em que os amigos dos licenciados escreviam versos para saudar os jovens doutores. Era um álbum meio perdido na vistosa biblioteca do Seminário de Angra que eu lia e relia com fascínio. Um tal dr. Silvano, de S. Jorge, formara-se naquele ano e o livro da queima-das-fitas acabou encailhado ali para meu goáudio.

Voltando ao amigo Cordeiro, pois esta nota é sobre ele: mantivemos assídua correspondência porque eu lhe respondia logo que me chegava uma carta dele. Pedialhe que me contasse histórias de Coimbra e contava-lhe as minhas do Seminário de Angra (o meu folheto *O Centenário* (1963), paródia a *Os Lusíadas*, o enterro do “centenário do Seminário, tudo uma espécie de réplica do que eu pensava Coimbra ser) e ele, com muito cuidado, ia tentando interessar-me por temas mais sérios.

Foi solista do orfeão da universidade e cantava fados em serenatas. O fado coimbrão foi algo mágico que sempre o fazia rejuvenescer, quando, mesmo já com noventa anos, lhe pedíamos para cantar mais um.

O seu regresso ao Seminário de Angra, então como professor, foi breve. Um ano depois, abalava para os EUA, decidido a recomeçar a vida. Fez um mestrado em Estudos Hispânicos no Queen’s College, onde foi aluno de Gregory Rabassa, tradutor de Gabriel García Márquez. Continuámos a escrever-nos e chegou a falar-me do seu plano para uma tese de doutoramento: A cristologia em Eça de Queiroz. A vida, porém, obrigou-o a procurar caminhos que assegurassem o pagamento das contas da família, que entretanto constituía. Encontrámo-nos várias vezes. De uma delas, na minha casa, onde passou uns dias. A razão foi eu tê-lo convencido a concorrer a uma vaga de Estudos Portugueses no Providence College - uma história para esquecer, não por culpa dele. Sendo uma universidade católica, quando descobriram que tinha sido padre, recuaram, depois de se terem manifestado entusiasmados com a qualidade do candidato. A partir daí, o Cordeiro enterrou definitivamente a academia e prosseguiu no seu fazer pela vida na Maptours, uma arrojada e, durante muito tempo, bem-

sucedida empresa de viagens entre os EUA e Portugal.

Contava ele, com graça, que um dia um emigrante micalense entrou na agência em Newark, onde predominam continentais da região de Aveiro. O Cordeiro notou-lhe o sotaque e revelou-lhe que também era micalense. Muito admirado, o homem perguntou-lhe: *- E como foi que o senhor arranjou um trabalho tão bonzinho nesta terra?*

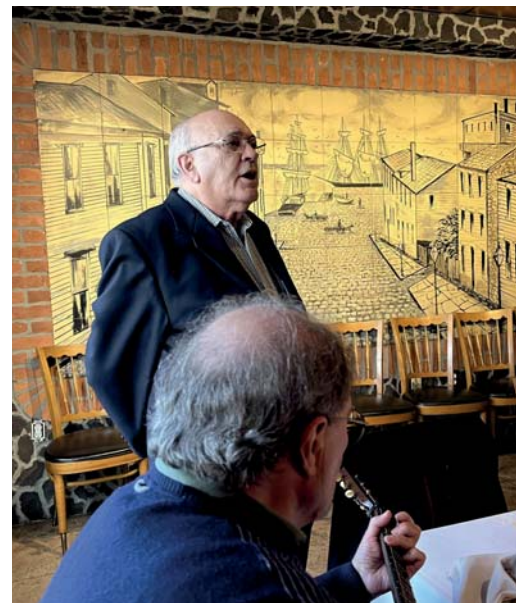
Durante alguns anos, acedeu à minha insistência para escrever crónicas políticas sobre os EUA para serem publicadas no *Diário dos Açores*. Seguiu atentissimamente a política americana e revelou-se comentador informado e perspicaz. O Osvaldo Cabral aceitou de braços abertos a sua colaboração.

Vou ter de parar porque a torrente de memórias salta em catadupa e há que contê-la. Acrescentarei que vinha todos os anos ao convívio que o Manny Chaves organizava em New Bedford, com uma extensão no seu espaço em Buzzards Bay. O Cordeiro passava uma noite em casa da sua prima, em New Bedford, e a outra era obrigatoriamente aqui em casa. No almoço e, depois, no serão, três ou quatro fados de Coimbra eram de rigor. E ele revivia esses anos universitários. Nunca se recusava. Volta e meia, íamos a Newark, ou juntávamo-nos na Pennsylvania, em casa do Joe S. Pedro. Passávamos em casa dele a dar-lhe boleia.

Mas repito: é tempo de acabar, embora as memórias não acabem.

O Cordeiro foi cremado hoje. Do corpo, restam cinzas. Dele, muitas e doces memórias.

P.S. - Para os leitores que não o conhecem, fica uma referência: era tio de Vasco Cordeiro, ex-Presidente do Governo Regional dos Açores.



>> A foto é do amigo Cordeiro cantando um fado num dos encontros no Inner Bay, em New Bedford. Acompanha-o à viola o José Francisco Costa.